

Anos 60, vitalidade. Anos 70, reflexão.

A CRISE DA ARTE ATUAL

FERNANDO GOMES

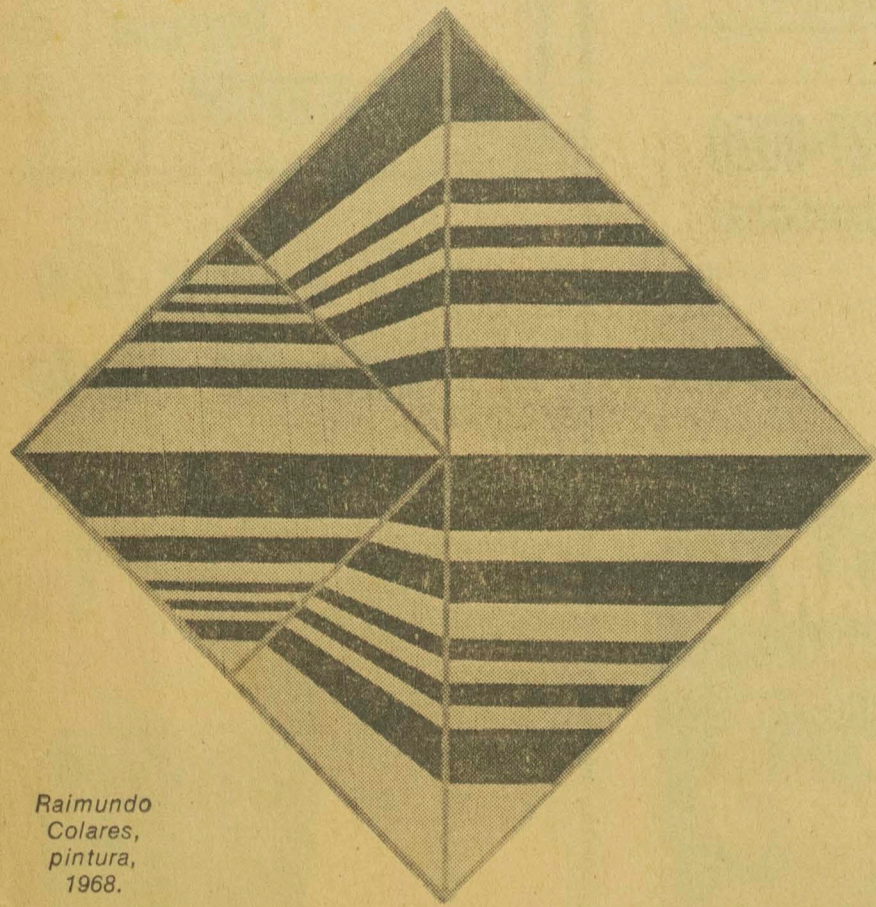


Umberto Costa Barros, Salão de Arte Moderna de 1970. O trabalho do artista consistiu unicamente em modificar a posição da persiana do MAM.

Depois da explosão criativa dos anos 60, as artes plásticas, em todo o mundo, entraram em recessão, ou parecem viver um compasso de espera. Na primeira metade da atual década nada de realmente novo aconteceu. Em Kassel, com a *Documenta*, ainda houve algum "frisson" na apresentação e debate dos vários realismos, inclusive o hiper. A reforma da Bienal de Veneza chegou tarde. Em Paris, a lamentação é geral, a novidade (será novidade, depois de Duchamp?) ficando por conta de uma subcorrente da body-art, a dos travestis.

Da Bienal de São Paulo ninguém espera muita coisa — na ausência de modelos europeus e norte-americanos a serem importados, busca-se às pressas a arte dos vizinhos latino-americanos, mas os artistas que virão começaram a definir sua obra nos idos de 50. Para uma boa parte dos críticos de arte, entre os nomes mais expressivos e de marcada atuação nas décadas de 50 e 60, há uma profunda crise de criação, alguns falam mesmo de um momento de idiotia generalizada — e não apenas no campo das artes plásticas. Onde os grandes líderes, as figuras carismáticas e os criadores em matéria de política? Ford contra Kennedy, Breshnev contra Krushev, Giscard contra De Gaulle, Sadat contra Nasser. A crise do petróleo excitou a imaginação de muitos que esperavam que sua repercussão fosse determinar uma nova ordem econômica internacional, ou mais do que isso, uma mudança profunda no comportamento das nações e dos homens (contra o desperdício e contra o consumismo, o retorno ou a recuperação de certos valores da simplicidade, do corpo, da criação humanística e artesanal), mas, contrariamente, o que se viu foram ricos e pobres tomados pelo mesmo pânico e rapidamente se dando a mão na busca de solução. E os ricos ficaram mais ricos e os pobres mais pobres.

Fiquemos, porém, no campo específico das artes plásticas. De Paris, onde reside atualmente, Mário Pedrosa manda dizer que "a arte hoje é uma atividade fundamentalmente de elite, muito restrita, sobretudo nas áreas metropolitanas, e é por isso que ele desce das vanguardas atuais. Elas não abrem caminho. São sempre consequências das complexas relações que constituem a trama da vida interna-



Raimundo Colares, pintura, 1968.

cional". Ainda em Paris, Roberto Pontual entrevistando três críticos, o francês Pierre Restany (criador do Novo Realismo, em fins da década de 50), o italiano Tomazzo Trini (atuante na faixa da arte povera-conceitual-corporal) e o português Egídio Alvaro assegurou-se que os críticos encontram-se na mesma visão pessimista sobre os caminhos (ou descaminhos) da arte atual.

Carlos Zillo, Lygia Pape e Emil Forman. Este último, hoje com 21 anos, e cuja primeira exposição foi realizada em 1973, é o único artista jovem e de vanguarda que se impôs. Os demais estão ligados, direta ou indiretamente, ao Concretismo, Neo-Concretismo, Nova Objetividade Brasileira e outras proposições da década passada, da arte construtiva ao tropicalismo. Além de Emil Forman (indiscutivelmente a personalidade mais forte surgida nos últimos dois anos, no Brasil) poderiam ser mencionados Walmécio Caldas, cuja obra mereceu imediato apoio do mercado e dos colecionadores, e Rogério Luz, o melhor da nova leva de desenhistas brasileiros. Nas próximas semanas, o panorama não vai mudar: as melhores exposições estarão a cargo de artistas surgidos na década passada, ou antes: Guilherme Vaz prosseguindo com sua performance no Museu de Arte Moderna do Rio, Cildo Meireles, com duas exposições, no MAM e na Galeria Luiz Buarque de Hollanda & Paulo Bittencourt, Darclio Lima, o melhor da linha erótico-sur-realizante de fins da década passada (hoje, depois de suas andanças pelo mundo, não sei como está sua produção) e Maria Leontina, com uma pintura altamente refinada, mas cujos primórdios datam dos anos 50.

Nada de novo

Restany diz que os artistas "não querem propriamente 'fazer' coisas novas, mas 'usar' meios novos, o que lhes serve de atenuante na constatação de estarem hoje prolongando propostas anteriores", com o que concorda literalmente Trini: "Estamos numa situação em que nada mais se faz do que continuar antigas propostas", enquanto Egídio vê na Bienal de Paris (limitada a artistas com idade máxima de 35 anos) uma "reedição piorada da anterior, em 1973". E aqui mesmo no Brasil, Achille Bonito Oliva afirma: "finalmente, nada de novo acontece". Para ele, "isto é um fato positivo". A arte hoje prefere refletir sobre aquilo que foi produzido nos últimos dez ou quinze anos. Em relação à década anterior, a nossa apresenta como modificação principal esta: uma reflexão fria sobre a criação quente dos anos 60. O que está acontecendo de novo é o nascimento de um tipo novo de sensibilidade — uma sensibilidade microscópica, sutil, que nasce da vontade de ver a produção atual sob uma ótica mais crítica. E esta diferença é profunda.

Balanco de 75

Se tomarmos o Rio como exemplo podemos concluir que, neste ano, quantitativamente, a movimentação até que foi bastante boa: muitas exposições, muitos debates, muitas revistas. Mas no tocante à abertura de novas perspectivas para a arte brasileira, o otimismo parece estar passando. Nos debates o público escasseou, com perda crescente do interesse pelos temas abordados. Individualmente, algumas exposições foram de bom nível. Quais foram? Cito algumas, de memória: José Resende, Antonio Henrique Amaral, José Zanine, Rubem Valentim, Mira Schendel, Roberto Magalhães, Franz Weissmann, Sérgio Camargo,

O que estaria acontecendo?

Na Europa, e principalmente nos Estados Unidos, multiplicaram-se na década passada, os *ismos*, escolas e tendências: Novo Realismo, Pop-Art, Arte Ecológica (*land-art* e *earth-art*), Arte Cinética, Arte Mínima (Estruturas Primárias e *hard-edge*), Arte Povera, Arte Conceitual, Body-Art (performances, comportamentos), Arte-Linguagem, Arte por Computador, Hiper-realismo. Com o Neoconcretismo e o Tropicalismo é possível que o Brasil tenha antecipado algumas dessas tendências internacionais (Estruturas Primárias, Arte Povera, Arte do Corpo) — mas só um estudo aprofundado poderá esclarecer de fato estes aspectos, pois teríamos de levar em conta, também, as obras anteriores de Duchamp, Billa, Fontana, Manzoni, Yves Klein e outros. Mas de qualquer maneira, e fazendo uma redução drástica numa relação razoavelmente ampla de nomes, teremos, pelo menos, quatro dominando a década passada, no Brasil: Lygia Clark, Hélio Oiticica, Antonio Dias e Cildo Meireles. Cildo é um artista de importância indiscutível apesar de sua obra ser relativamente pequena. Seu ritual de queima de galinhas, em Belo Horizonte, em abril de 1970, foi a obra mais radical realizada nos últimos 10 anos aqui. Noutro plano, poderiam ser mencionados o

desnudamento de Antonio Manoel durante a inauguração do Salão Nacional de Arte Moderna, também em 1970, e a série de manifestações de livre criatividade que organizei no mesmo Museu e denominada "Domingos da Criação".

Onde foi parar toda esta criatividade? O arrojo, a ousadia, a originalidade, a vitalidade? E fora do Brasil, todas aquelas tendências. A explicação poderá estar no reexame daquilo que se fez nos anos 60, ou seja, na história de nossa arte recente. Este exame poderá ser feito em dois níveis — pela crítica de arte, em relação aos aspectos teóricos, pelos artistas, na consideração da própria arte como tema de suas reflexões "plásticas". Esta última perspectiva, aliás, vem sendo colocada já pela Arte Conceitual e cuja exposição pioneira, no Brasil, foi "Indagação sobre a Natureza, Significado e Fundação da Obra de Arte", realizada em 1972, no Instituto Brasil-Estados Unidos. É a posição defendida por Bonito Oliva, como vimos, mas que está levando a arte para um campo muito fechado e elitista, na interpretação de Pedrosa. No Brasil, um ponto de partida para esta reflexão pode ser encontrada em dois livros que, coincidentemente, vêm de ser publicados, "Mundo, Homem, Arte em Crise", de Mário Pedrosa (Ed. Perspectiva, col. Debates, 1975, 321 páginas) e "Artes Plásticas — A Crise da Hora Atual" de Frederico Morais (Ed. Paz e Terra, 1975, 120 págs.), este com lançamento previsto para logo mais, a partir das 21 horas, na Galeria Graffiti.

Razões da crise

Os livros se completam. Pedrosa, hoje com 75 anos, residindo em Paris, reúne em seu livro, organizado por Aracy Amaral, 48 textos, admiráveis todos, os da primeira parte datados de 1959 a 1967, nos quais analisa a arte entre a *Abstração* e o aparecimento e dissolução do *Objeto*, enquanto Frederico Morais, do O GLOBO, 36 anos mais jovem, e atuando no Rio desde 1966, publica na primeira parte de seu livro, textos de 1967 a 1975, cobrindo um campo de proposições que vai da "plurisensorialidade" ao múltiplo. O primeiro, em sua análise chega à arte pós-moderna, termo por ele cunhado, o segundo parte dela. No prefácio de seu livro, Pedrosa referindo-se à década passada, começa por dizer que "busca-se aprofundar o conceito de forma para destacá-la em si mesma, em busca de sua lógica interna", ou, como observa no texto "Das formas significantes à lógica da expressão", de 1960, trata-se, teórica e historicamente, de distinguir da forma abstrata rigorosa a gança da expressividade". Mas, "pouco a pouco a problemática da arte pura esgota-se e a polémica crítica começa a invadir outros campos". "A arte, dita moderna, arqueja". Está caracterizada a crise. Frederico, na introdução de seu livro, diz "vivemos uma verdadeira explosão do sistema das artes. Todas as posições mudaram. O artista deixou de fazer arte ao lançar mão de novos suportes e recursos — é um propositivo de situações. O crítico fez-se artista ao penetrar fundo na intimidade da obra, agravando mais ainda suas contradições. O espectador não age mais passivamente — pega, apalpa, cheira e até destrói a obra de arte. No Museu, a função tradicional de conservação de obras vai cedendo lugar às chamadas atividades complementares — de animação — as quais, assumindo primeiro plano, estão impondo uma revisão da própria arquitetura museológica. Os salões e bienais vivem sua agonia final."

Na segunda parte de seu livro, "A Bienal de cá para lá", Pedrosa analisa a arte brasileira a partir da criação da Bienal de São Paulo. O texto é de 1970 e a conclusão é um tanto pessimista. "Em face dos prodigiosos produtos da arte e da cultura de massas, a despeito de seus poderes contagiantes, são aquelas experiências que pesam; elas e que no fundo estão mudando a figura da arte e talvez mesmo, pondo em questão o seu sobreviver numa civilização em naufrágio, num mundo em vias de transformações imprevisíveis". Também Frederico, na segunda parte de seu livro, "A Crise da Vanguarda no Brasil", para analisar o decréscimo da atividade de vanguarda no Brasil nos anos 60, faz um retorno à década de 50, até os tempos da criação da Bienal, e diz: "O debate, em todos os níveis, é o que melhor define a década de 50. Não por acaso, foi o melhor período de nossa crítica de arte. Eis aqui o cerne do problema atual, o que explica as dificuldades da vanguarda. A ausência de crítica. O crítico é essencialmente um ser que dialoga, que debate, opina, manifesta-se, é ele que ao criar novos valores (entregando-os imediatamente à fruição) anima os movimentos de arte, ativando a criação em todos os níveis e a própria vida cultural. E neste sentido que se pode dizer que o crítico está no centro da crise brasileira". Para Frederico não reside apenas na censura a dificuldade enfrentada pela vanguarda no Brasil, esta podendo ser até um alibi para a não-criação. Na verdade, ela resulta de uma conjunção de fatores, desde aqueles imanentes à própria arte e outros, subjacentes ou externos, e que dizem respeito a situação do país e do mundo. De um lado, portanto, é o próprio conceito de obra que estoura, no bojo de uma crise do sistema das artes, mais que evidente depois dos anos 60. De outro, é a própria pressão dos meios de comunicação de massa propondo um consumo digestivo e alienante, que tende a marginalizar a criação do artista em seu relacionamento com o público".



Fontana: 7.